

Isaac Newton e sua obra publicada sobre as Profecias de Daniel *

Thaís Cyrino de Mello Forato[†]

Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo - Brasil

Dentre as produções newtonianas acerca da teologia ou religião, a obra *Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St John (Profecias)*¹ não é a mais conhecida, tampouco a mais estudada pelos historiadores da ciência. Publicada postumamente em 1733 por Benjamin Smith, parente de Newton, suas densas páginas versando sobre a Bíblia e a história dos primórdios do cristianismo surpreendem, de um lado, pelo empenho do autor em estabelecer uma linguagem objetiva para a catalogação das visões proféticas; de outro, pela minuciosa relação entre as profecias e os fatos históricos que se seguiram, na tentativa de corroborá-las.

Por meio de uma intrincada rede de argumentos, Newton apresenta sua versão do significado das Profecias de Daniel: estabelecer a época do desvirtuamento da Igreja Cristã; ou seja, a corrupção da verdadeira religião, aquela que fora transmitida por Deus aos primeiros habitantes da Terra e depois, gradativamente, deturpada por homens de má fé, para atender a interesses políticos de reinos e épocas diversas.²

Newton diferencia dois tipos de livros na Bíblia: os históricos e os proféticos, sendo que as profecias ocupam um lugar privilegiado dentro das escrituras, pois os profetas falam em nome de uma autoridade divina.

[†] thaismf@usp.br

* A pesquisa foi inicialmente desenvolvida durante o mestrado realizado na PUC-SP sob a orientação do Prof. Dr. José Luiz Goldfarb. A autora agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq) pelo apoio durante o mestrado, ao Prof. Dr. José Luiz Goldfarb o orientador da dissertação de mestrado em que a pesquisa foi realizada (PUC-SP, 2003) e à Dra. Juliana M. H. Ferreira pelos comentários.

¹ Considerando a dificuldade de se obter um exemplar da edição de 1733, é possível ter acesso a uma versão fac-similar da obra no endereço:

<http://www.gutenberg.org/etext/16878>, acessado em 05/04/2006.

² Newton (1733), especialmente a partir do capítulo VII. Cf Cohen & Westfall, (2002).

E dar ouvido aos Profetas é uma característica fundamental da verdadeira Igreja [...] A autoridade dos Imperadores, Reis e Príncipes é humana. A autoridade dos Concílios, Sínodos, Bispos, Presbíteros é humana. A autoridade dos Profetas é divina, e compreende toda a religião, reconhecendo Moisés e os Apóstolos entre os Profetas; [...] Seus escritos contém o concerto entre Deus e seu povo, com as instruções para sua observância; exemplos do julgamento de Deus sobre aqueles que o quebraram: e predições de coisas futuras.³

Além disso, a obra *Profecias* permite identificar um objetivo compartilhado também por vários de seus contemporâneos: demonstrar a existência de Deus, por exemplo:

A insensatez dos intérpretes tem sido predizer tempo e coisas por esta profecia, como se Deus os tivesse feito profetas. Por essa precipitação não apenas se expuseram, mas atraíram o desrespeito para a profecia. O desígnio de Deus era muito outro. Ele deu esta e as profecias do Velho Testamento, não para satisfazer a curiosidade humana, permitindo-lhe prever coisas, mas para que, depois que elas fossem cumpridas, pudessem ser interpretadas pelo evento, e sua própria Providência, não os intérpretes, fosse com isso revelada ao mundo. Pois a realização de coisas preditas com grande antecedência será um argumento convincente de que o mundo é governado pela providência.⁴

Segundo Newton, a predição das coisas futuras refere-se à situação da Igreja em todas as épocas, e o profeta Daniel seria o mais característico na questão das datas e o mais fácil de ser entendido⁵. Além disso, ele estabelece uma relação entre as profecias de Daniel com o Apocalipse de João:

O Apocalipse de João é escrito no mesmo estilo e linguagem que as Profecias de Daniel, e têm a mesma relação para com estas que elas têm entre si, assim elas juntas constituem uma Profecia completa, e do mesmo modo consiste em duas partes, uma profecia introdutória e sua interpretação.⁶

³ Newton (1733), p.14.

⁴ *Ibid*, p.251.

⁵ Newton (1733), p. 15.

⁶ *Ibid*, p.254.

Buscamos estabelecer a metodologia utilizada para a interpretação das profecias bíblicas, e é possível resumi-la basicamente em quatro etapas fundamentais:

- Estabelecimento do texto fidedigno para as profecias;
- Criação do código interpretativo;
- Aplicação deste código às profecias;
- Verificação, ou prova, através do confronto com dados históricos.

É importante destacar, entretanto, que a interpretação de Newton para as profecias não se restringe a seguir etapas de um procedimento metodológico, pois o tratamento especial que ele confere a cada etapa, como veremos a seguir, é fundamentado por sua enorme habilidade em vários campos do saber.

a. Estabelecendo o texto.

Para estabelecer o texto, ele confrontou um grande número de obras impressas e manuscritos em inglês, grego, latim e hebraico. Cotejou, verso por verso, vinte e cinco versões gregas diferentes do Apocalipse e esquadrinhou toda a Bíblia à procura de passagens confirmadoras. Comparava essas passagens com dados históricos e com a literatura eclesiástica, recurso que ele demonstra, ao longo de toda a obra, dominar em minúcias. Recorre muitas vezes também à sua revisão da cronologia do mundo e ao conhecimento de dados astronômicos, ao confrontar calendários, avaliando a possível veracidade das informações⁷. Este trabalho perdurou por mais de duas décadas, conforme é sugerido por sua correspondência com o biblista erudito John Mill⁸.

Outro recurso que ocupa grande destaque no estabelecimento do texto é a datação dos livros bíblicos. Ela é claramente uma prioridade para Newton e reflete uma preocupação típica da tradição renascentista. Uma das tarefas da datação dos textos é identificar os acréscimos posteriores à redação dos originais e o autor ou autores de cada camada. Newton refere-se, em vários momentos, a erros e inclusões de copistas, aparentemente pretendendo conferir veracidade e confiabilidade ao texto. Isto é sugerido em várias passagens, como, por exemplo, ao comentar que, tendo estabelecido a época em que foi escrito o Apocalipse, seria desnecessário alongar-se a respeito de sua autenticidade⁹.

Para estabelecer uma provável datação de um manuscrito, recorre-se, por exemplo, às características gramaticais e semânticas e às diferenças dialetais entre

⁷ Por exemplo, no cap. XI.

⁸ Cohen & Westfall (2002), p.440; e Manuel (1974), pp. 84-94.

⁹ Newton (1733), p. 246-7.

posições geográficas. Quando comparamos as informações de Frank Manuel¹⁰ a respeito dos procedimentos e técnicas realizados no período com os recursos empregados por Newton, podemos perceber que ele demonstra grande domínio de tais técnicas para estimar a datação dos livros e contestar ou confirmar outras opiniões¹¹.

É possível perceber Newton recorrendo a recursos lingüísticos para propor a datação e autoria de vários livros bíblicos, por exemplo, quando discute a datação para o Apocalipse:

Isto é confirmado ainda pelo estilo do Apocalipse, mais cheio de Hebraísmos do que seu Evangelho (de João). De tudo isso se depreende que o mesmo foi escrito quando João havia de pouco deixado a Judéia, onde estava afeito à língua siríaca; e que só teria escrito seu Evangelho após longas conversas com gregos asiáticos, que o teriam feito perder a maior parte de seus hebraísmos.¹²

Ele recorre, ainda inúmeras vezes, a recursos lingüísticos, e, tendo estabelecido o texto mais fidedigno possível, passa à criação de seu próprio dicionário de linguagem profética.

b. Estabelecendo a decodificação

Newton dedica o segundo capítulo da obra a criar sua decodificação para a linguagem profética. Ele desenvolveu um dicionário de equivalentes eclesiásticos, políticos e históricos para as imagens e símbolos da visão profética, partindo do pressuposto de que as profecias eram congruentes em todas as suas partes e, assim, construiu sua própria decodificação para elas. Ele aplicou a este código um teste de constância e consistência, ou seja, a decodificação deveria ser válida para toda a Bíblia, para todos os livros proféticos, pois as profecias eram a verdade de Deus revelada a homens especiais, e a linguagem figurada deveria ser única.

Tal linguagem recorre ao uso de analogias entre o mundo natural e o mundo político de um reino. De um modo geral, Newton associa o céu e o que ele contém

¹⁰ Manuel (1974), cap. IV.

¹¹ Sobre datação e outros aspectos do estudo da obra, omitidos por questões de espaço, podem ser encontradas em Forato (2003), cap. 3.

¹² Newton (1733), p. 238.

aos reis, ao poder e aos governantes; e relaciona a terra e as coisas terrenas à massa popular.

Falar significa fazer leis; assim a boca indica aquele de onde promana a lei, sagrada ou profana. A voz alta indica força e poder; a voz tênue, ao contrário, indica fraqueza. Comer e beber valem pela aquisição do que está representado na comida e na bebida. Os pelos dos animais e dos homens, bem como as penas das aves querem dizer o povo; as asas indicam o número de reinos representados pela besta.¹³

Faz ainda descrições detalhadas prevendo variações, sugerindo a intenção de criar um padrão interpretativo, uma relação unívoca entre elementos das profecias e fatos corriqueiros de um reino, parecendo pretender eliminar possíveis associações aleatórias.

c. Aplicação do código

A interpretação das profecias não era apenas um interesse típico do período, mas tinha fascinado muitos estudiosos, desde os primórdios do cristianismo. Newton e seus contemporâneos herdaram dicionários, metodologias e interpretações diversas. A esse respeito, Frank Manuel considera que Newton fora exposto ao novo criticismo bíblico, representado por Richard Simon, Thomas Hobbes e Spinoza. Tais autores contribuíram para o conceito da existência de camadas redacionais no Velho Testamento, e propunham que este era composto por livros sobre conduta moral e política, escritos para atender às necessidades de cada povo e época¹⁴. Encontramos comentários de Newton que asseveram este ponto de vista, tanto constatando seu empenho em identificar camadas redacionais, como sua visão sobre os livros do Velho Testamento.¹⁵

Newton foi influenciado também por comentadores medievais. Sua abordagem das profecias era similar à de Joseph Kimchi e Abrahan Ibn Ezra. Tal influência se deu mais no aspecto técnico da interpretação das profecias que no campo das idéias propriamente ditas. Ibn Ezra adotava a leitura ponderada, ditada pela ordem natural das palavras e regras ordinárias da gramática. Newton também aceitava o simples significado e o mais literal, mas beneficiava-se dos seus

¹³ *Ibid*, p.21.

¹⁴ Manuel (1974), pp. 84-6.

¹⁵ Newton (1733). O capítulo I traz vários exemplos.

conhecimentos de geografia, cronologia e histórias pagãs. Manuel sugere que ele se diferenciava também ao utilizar técnicas de raciocínio-sobre-as-evidências desenvolvidas nos tribunais e na erudição humanistas. Além disso, trocava idéias com amigos eruditos, buscando significados alternativos para palavras-chave em aramaico e árabe.¹⁶

Outra influência proposta por Frank Manuel e possível de se identificar na obra *Profecias* é a interpretação evemerista da mitologia pagã, usual nos séculos dezessete e dezoito. Tal interpretação é a tendência dos historiadores-mitógrafos em reconhecer em cada mito clássico um cerne de histórias políticas comuns relacionadas ao período anterior aos registros dos grandes historiadores clássicos¹⁷. Westfall nos diz que esse era um tema típico da erudição seiscentista, e Newton demonstra tal influência claramente no *Origines*¹⁸, seu escrito teológico mais radical, e também o mais importante:

O conceito central do *Origines* afirmava que todos os povos da Antigüidade haviam cultuado os doze deuses, os quais eram associados aos sete planetas, aos quatro elementos e à quintessência. Um segundo conceito não inteiramente integrado com o primeiro, afirmava que os doze deuses eram os ancestrais deificados desses povos, a saber, Noé, seus filhos e netos, dos quais havia descendido toda a humanidade.¹⁹

Nas *Profecias*, Newton demonstra a influência da interpretação evemerista:

Era esta, exatamente, a noção que tinham os pagãos das almas livres de seus antigos Reis e Heróis, a quem adoravam sob os nomes de Saturno, Rhea, Júpiter, Juno, Marte, Vênus, Baco, Ceres, Osíris, Isis, Apolo, Diana, e o resto de seus Deuses. E desde que esses Deuses eram masculinos e femininos, marido e mulher, filho e filha, irmão e irmã, é de tal modo constatado serem antigos homens e mulheres.²⁰

Esta é uma situação bastante interessante. Nossa pesquisa não priorizou tal discussão, mas deixamos aqui uma proposta de investigação. Newton constrói uma argumentação ao longo da obra para demonstrar o desvirtuamento da verdadeira

¹⁶ Manuel (1974), pp. 85-6

¹⁷ *Ibid*, pp. 94-5.

¹⁸ *Theologiae gentiles origines philosophicae*.

¹⁹ Cohen & Westfall (2002), pp. 443.

²⁰ Newton (1733), p. 209.

religião, por exemplo, quando a Igreja incorpora os ritos pagãos atendendo a interesses políticos de determinadas épocas. Em alguns exemplos a diferença entre os ritos pagãos que ele condena e os que ele parece aceitar é muito clara: Newton critica o modo como o celibato foi instituído, a adoração das relíquias de santos e mártires e, principalmente, a instituição da Santíssima Trindade, orquestrada principalmente por Atanásio²¹. Por outro lado, o comentário de Westfall sobre o *Origines* confirma a impressão trazida na obra *Profecias*, nos trechos onde Newton parece servir-se dos conhecimentos pagãos. A tensão entre monoteísmo e politeísmo permanece nas entrelinhas da obra, e pode ser identificada também nos trabalhos citados de Westfall e Manuel²². Newton, por um lado, aprendendo com os ensinamentos pagãos; e, por outro, criticando a postura da Igreja em desvirtuar o verdadeiro cristianismo, ao incorporar alguns ritos:

Deleitavam-se os pagãos com os festivais de seus Deuses e não estavam dispostos a renunciar àqueles deleites; é por isso que Gregório, para lhes facilitar as conversões, instituiu festivais anuais aos Santos e Mártires. Eis porque, para eliminar as festas pagãs, as principais festas cristãs foram instituídas nas mesmas datas: assim a comemoração do Natal com os comes e bebes, jogos e esportes, no lugar das *Bacchanalia* e das *Saturnalia*; a celebração do dia de Maio com flores no dia das *Floralia*; as festividades da Virgem Maria, de João Batista, e diversos Apóstolos, no lugar das solenidades da entrada do Sol nos signos do Zodíaco no antigo Calendário Juliano.²³

Há ainda um comentário de Westfall, relevante em nossa análise, sobre o conteúdo do *Origines* sugerir que a única e verdadeira religião seria conhecida pela humanidade através do estudo da natureza; harmonia entre a religião e a filosofia natural, aliás, muito presente em vários contemporâneos de Newton. O *Origines* traz a descrição dos primeiros habitantes da Terra - os pritaneus – praticarem seus cultos em templos semelhantes ao templo judaico e aos templos romanos de Vesta, e incorporarem uma representação do Universo com uma fogueira ao centro e os planetas ao seu redor, oferecendo uma imagem heliocêntrica do Universo:

²¹ Comentários sobre a trindade estão dispersas a partir, principalmente, do capítulo VIII.

²² Sobre os conhecimentos prístinos que Newton reverenciava, veja em McGuire & Rattansi (1966); Rattansi (1988) e Newton (1996).

²³ Newton (1733), pp. 204-5.

Todo o firmamento eles julgavam ser o verdadeiro e real templo de Deus e, portanto, para que um pritaneu pudesse merecer o nome de Seu templo, dispuseram-no, de modo que representasse da maneira mais adequada todo o sistema celestial. **Um aspecto das religiões, portanto, comparado ao qual nada pode ser mais racional.**²⁴

Parece-nos relevante Newton classificar como racional a representação do sistema heliocêntrico pelos primeiros habitantes da Terra. Portanto, dentro da proposta apresentada, um aspecto interessante a ser abordado seria o confronto da obra publicada com o conteúdo do *Origines*.

d. Verificação

Finalmente, a verificação ou prova, através do confronto com a reconstituição histórica. É surpreendente a grande quantidade de historiadores e obras que Newton descreve para justificar cada detalhe de uma profecia, associando-a à história de cada um dos dez reinos, representados pelos dez chifres da quarta besta de Daniel, e adotando, naturalmente, o mesmo procedimento para as demais profecias. Newton também recorre às fontes originais do fim da Antigüidade, epístolas papais e passagens da história eclesiástica para a reconstituição histórica da Igreja nos primórdios do cristianismo.

Esse esforço de Newton em corroborar a realização histórica de cada profecia pode ser entendido como a intenção de demonstrar a existência de Deus e sua dominação sobre a história e, nesse sentido, ele é explícito em vários trechos da obra.

Controvérsias com contemporâneos

Conforme vimos na aplicação do método, Newton lançava mão de técnicas e recursos presentes também no trabalho de seus contemporâneos, porém sempre acrescentando uma contribuição própria, seja na precisão do esquadramento das escrituras, na elaboração de seu próprio dicionário, ou na utilização de informações de outros campos do saber. Ele faz vários comentários ao longo da

²⁴ Cohen & Westfall (2002), pp. 444-5. Grifo nosso.

obra, criticando outras interpretações, mas nunca fornecendo o nome dos intérpretes.²⁵

Quando contestava outras interpretações, Newton utilizava dados astronômicos para verificar as narrativas históricas bíblicas. E mais, confrontava calendários, refutando as versões que contrariavam os ciclos da lua. Provavelmente, nem todos os intérpretes estariam aptos a se beneficiar desses recursos.

Tomo como certo que a paixão foi numa Sexta-feira, dia 14 do mês de *Nisan*; a grande festa da páscoa no Sábado, dia 15 daquele mês e a ressurreição no dia seguinte. Mas o dia 14 de *Nisan* caía sempre na lua cheia seguinte ao Equinócio vernal; e o mês começava na lua nova anterior, não na verdadeira conjunção, mas na primeira aparição da lua nova, pois os Judeus referiam-se sempre à lua silente, que cultivavam, isto é, do desaparecimento da lua, à velha lua; e porque a primeira aparição deveria dar-se cerca de 18 horas depois da verdadeira conjunção, contavam o seu mês a partir de sexta hora, à tarde, isto é, do pôr do sol logo depois da 18^a hora desde a conjunção. A essa regra chamavam *Jah*, designado pelas letras e o número 18.²⁶

Manuel nos diz que ele trocava idéias com Henry More, Fatio de Duiller, John Locke, Richard Bentley, William Whiston, Samuel Clarke, Brook Taylor e vários bispos eruditos. As cartas e memórias são unânimes ao descrevê-lo possuindo uma obstinada teimosia em sustentar sua própria interpretação, a despeito das críticas de seus amigos.²⁷

Propostas para investigação

Além da tensão existente entre monoteísmo e politeísmo que sugerimos para investigação, há outros temas interessantes a abordar. Por exemplo, o anti-trinitarismo. Newton não é explícito ao condenar a adoção da santíssima trindade no século VI, mas o fato de apresentar a argumentação de como a igreja se tornou o undécimo chifre da quarta besta de Daniel, de como o papa alargou seu poder

²⁵ Uma exceção é Joseph Mede, o único interprete mencionado duas vezes por Newton, aprovando sua versão, porém, não sem acrescentar-lhe algo. Veja em Newton (1733) pp. 251 e 267, sobre comentários em Forato (2003) pp. 135-140 e a obra de Mede (1643).

²⁶ Newton (1733), p. 160.

²⁷ Manuel (1974), p. 90.

temporal, sugere o tempo todo que a inclusão da santíssima trindade foi mais uma das corrupções introduzidas na verdadeira religião²⁸. Permeando todo o texto, identificamos passagens que sugerem tal corrupção sendo introduzida para atender interesses políticos de soberanos ou da igreja cristã. Nas entrelinhas podemos ver o papel de Cristo diminuído e não no nível de uma das pessoas da santíssima trindade. Há ainda a passagem onde se refere a Cristo como um profeta superior a todos os outros²⁹.

Uma discussão presente na obra é com relação à data verdadeira da crucificação de Cristo, mas surge também em vários momentos a questão de sua segunda vinda. Nessa perspectiva o tema milenarismo, também marcante no período, poderia ser abordado.³⁰

Conclusão

A obra publicada sobre as profecias traz informações significativas sobre o pensamento e os estudos teológicos de Newton.

Westfall considera a obra uma produção monótona e sem importância, produto da velhice de Newton³¹, mas gostaríamos de sugerir uma avaliação distinta. Além de permitir discutir a metodologia newtoniana para a interpretação das profecias, sem a necessidade de recorrer aos manuscritos para esse fim, consideramos a obra produto da maturidade de Newton, resultado de muitas décadas de estudo, controvérsias e obstinada dedicação. Enquanto os manuscritos teológicos fornecem a visão de vários momentos da sua vida, temos nessa obra publicada o que parece ser a síntese de suas idéias. Se ele passou a maior parte de sua vida estudando teologia e a Bíblia, não seria possível considerarmos que a obra elaborada na maturidade traria uma visão mais abrangente de seu pensamento do que vários registros ao longo de sua vida?

Sem dúvida, os manuscritos teológicos de Newton são importantes para compreender seu pensamento em um contexto próprio, mas não podemos encará-los como a melhor e única expressão de suas idéias teológicas.

Quando comparamos as conclusões de Westfall ou Frank Manuel, que estudaram os manuscritos teológicos, com o conteúdo do livro *Profecias* verificamos que os fatos mais significativos estão presentes nele também, ainda que algumas das informações estejam dispersas e veladas no texto. Além disso, há trechos onde Newton é explícito em dizer que falará aos homens refletidos, e

²⁸ Newton (1733), capítulos VII a XIV.

²⁹ *Ibid*, p.130, p.148.

³⁰ Veja, por exemplo, Boido (2001); Christianson (1984) e Jacob (1976).

³¹ Cohen & Westfall (2002), p.439-40.

discorre sobre temas que certamente poucas pessoas estariam aptas a compreender. No final do livro, Newton pede que o leitor complete as informações, pois está tudo ali, e o que estiver faltando este pode deduzir... Portanto, temos uma obra resultante de uma vida dedicada aos estudos e reflexões acerca da Bíblia, sabiamente articulada para não comprometer Newton com algumas posturas teológicas, mas deixando nas entrelinhas os vestígios das idéias que provavelmente buscou mascarar.

Newton não fala em método, tampouco divide a obra nas etapas que propusemos. Tais etapas na realidade se interpenetram. As mesmas influências que Newton demonstra ao interpretar as profecias permeiam também sua construção do texto fidedigno, estão presentes na preparação das fontes e mesmo na elaboração do dicionário. Colocamos em etapas apenas com a finalidade de organizar as informações.

Desta forma, acreditamos que a obra fornece um vasto universo a ser explorado. Esta leitura foi apenas um estudo preliminar e há ainda muitos aspectos que poderiam nos fornecer mais elementos acerca da teologia newtoniana e sua influência na elaboração da doutrina em filosofia natural.

Bibliografia

- Cohen, B. & R. S. Westfall. (2002), *Newton: Textos, Antecedentes, Comentários*. Versão portuguesa de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto/EDUERJ.
- Copenhaver, B. P. (1980), "Jewish Theologies of Space in the Scientific Revolution: H. More, J. Raphson, I. Newton and their Predecessors". *Annals of Science*, 37, 489-548.
- Dobbs, B. J. T. (1984), *The Foundations of Newton's Alchemy or "The Hunting of the Greene Lyon"*. 2a. ed. Cambridge / London: Cambridge University Press.
- Dobbs, B. J. T. (1991), *The Janus Faces of Genius- The Role of Alchemy in Newton's Thought*. Cambridge / New York: Cambridge University Press.
- Forato, T. C. M. (2003), "O Método Newtoniano para a Interpretação das Profecias Bíblicas na Obra: *Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St. John*", Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP. Disponível em: <http://ghtc.ifi.unicamp.br/download/Thais-Cyrino-de-Mello-Forato.pdf>
- Ferngren, G. B. et alii. (2000), *The History of Science and Religion in the Western Tradition: An Encyclopedia*. New York / London: Garland Publishing.

- Harrison, P. (1995), "Newtonian Science, Miracles, and the Laws of Nature". *Journal of the History of Ideas*, 56 (4), 531-553.
- Jacob, M. C. (1976), "Millenarianism and Science in the Late Seventeenth Century". *Journal of the History of Ideas*, 37 (2), 335-341.
- Manuel, F. E. (1974), *The Religion of Isaac Newton*. Glasgow / New York: Oxford University Press.
- Mathias, P. (1972), *Science and Society 1600-1900*. Cambridge, Cambridge University Press.
- McGuire, J. E. & Rattansi, P. M. (1966), "Newton and the 'Pipes of Pan'", *Notes and Records of Royal Society*. 21, 108-26.
- Mede, J. (1643), *Daniel Weekes. An interpretation of part of the Prophecy of Daniel*. London: Printed by M.F. for John Clark.
- Newton, I. (1733), *Observations Upon the Prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St. John*. London, J. Darby and T. Browne.
- Newton, I. (1996) *El Templo De Salomon*. Introd. de J. M. Sánchez Ron. Trad. e estudo filológico C. Morano. Madrid, Ed. Debate/CSIC.
- Rattansi, P. M. (1988), "Newton and the wisdom of the ancients" em Flauvel, J. *et alii, Let Newton Be!*, Oxford / New York: Oxford University Press.
- Snobelen, S. D. (1999), "Isaac Newton, heretic: the strategies of a Nicodemite". *British Journal of History of Science*. 32, 381-419.
- Westfall, R. S. (1980), *Never at Rest: a Biography of Isaac Newton*. Cambridge: Cambridge University.
- Westfall, R. S. (1987) "Newton and the Christianity", em Birtel, F.T., (org.), *Religion, Science, and Public Policy*, New York: Crossroads.